

RECENSÕES

REQUIEM POR J.V. PINA MARTINS!

Razões várias nos podem ter trazido aqui, a esta Basílica do Coração de Jesus da Estrela, a primeira que no mundo existiu com essa invocação. Prestamos a última homenagem a José Vitorino de Pina Martins: comovidamente, religiosamente.

De sentimentos diversos, e talvez opostos, senão contraditórios, nos reconheceremos possuídos: a morte é a fronteira que não conseguimos remover; para os que com ele comungamos a Esperança da Vida que não tem fim, a Cristo vamos buscar a razão dessa Esperança — “eu parto, mas não vos deixo no vazio; vou preparar-vos um lugar; o que vos deixo em testamento é que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei”. Das três virtudes cardeais, Charles Peguy escolheu a da Esperança como a mais difícil e aquela que mais agrada a Deus: porque, mesmo que acreditemos em Deus e ponhamos n’Ele o nosso olhar, precisamos de acreditar radicalmente em nós para nos projectarmos no Futuro e antecipadamente o construirmos.

Pina Martins tinha um espírito voltado para a Esperança porque acreditava em Deus e simultaneamente acreditava no Homem, imagem de Deus, eterno e incarnado, inteligência e coração, palavra e verdade. Repassando o seu *curriculum vitae*, ficou-me, uma vez mais, na retina, o título da sua tese de licenciatura, em 1949: esse título é nada menos que *A miséria e a grandeza do homem em Les Pensées de Pascal**. Conhecedor da miséria do homem (não apenas intelectualmente, pois viveu quase um século em que sentiu os horrores que o homem infligia aos seus semelhantes), dedicou-se ao longo de anos

a pesquisar a grandeza desse mesmo homem, que para os antigos gregos era “assombro” (na expressão do coro da *Antígona* de Sófocles), mas para os homens do século XVI, na expressão de Giovanni Pico della Mirandola, era *mirabilis*: certamente porque esses homens do Humanismo estavam convencidos de que a Revelação cristã lhes dava a chave de leitura para entenderem que a obra da Criação era boa e que o Amor de Deus se estendia particularmente ao Homem, sobretudo como efeito da Ressurreição de Cristo, convenceram-se eles de que, apesar das vicissitudes a que está exposto, o Homem é admirável e vale a pena regressar permanentemente à descoberta da aventura que ele faz ao longo da História. Não sem motivo, esse Humanismo recuperou testemunhos do passado e procurou criar instrumentos que os dessem a conhecer e garantissem a sua projecção no futuro.

J. V. Pina Martins apaixonou-se vivamente por esse Homem, aprendendo, com os que como ele tinham uma dimensão universal, a ler o sentido da História, compreendendo com Ireneu de Lião (em recordação frequente de um amigo a quem muito prezava, o cardeal Henry De Lubac) que a “glória de Deus é o Homem em vida plena” – a *doxa* em grego quase não tem tradução possível nas línguas modernas: é a manifestação de esplendor; para a entender, teremos que voltar ao sentido pleno do *Gloria in excelsis Deo*, no hino ao nascimento de Cristo que os Evangelhos atribuem aos Anjos em torno da gruta de Belém; dificuldade temos nós também para entender o ensinamento Paulino de que, no alto da Cruz, o Filho de Deus Crucificado, tem a expressão máxima da sua glória – se não há contradição, há pelo menos paradoxo e ele aproxima dimensões racionalmente irreconciliáveis: a suprema degradação é a suprema revelação da maior exaltação que Deus preparou para Seu Filho, pois na Cruz manifesta e torna efectivo o poder de Ressurreição.

É nesta contradição (insensatez para uns, blasfémia para outros) que nós nos colocamos porque estamos convencidos de que a obra de Deus é boa e não pode ser aniquilada pela loucura de alguns, mas merece ser admirada por todos, habitando-a de forma tão harmónica quanto o reajustamento da nossa inserção nela nos permitir.

J. V. Pina Martins faz parte dessa História humana, que nos Humanistas aprendeu a ler, a criticar, a depurar, a construir. Em Pico della Mirandola começou, mas estendeu o seu olhar por muitos outros: Erasmo foi para ele um Mestre admirável de sabedoria que conciliava a Razão, a Prudência, a Revelação cristã; extasiou-se, porém, com Thomas More, o homem da *Utopia* – um texto que foi escrito em diálogo com Erasmo por aquele que, na expressão deste, foi a figura mais cândida e mais amável de todas quanto brotaram à face da Terra e que, amando os homens e indicando-lhes o sentido da dignidade humana, acabou por sucumbir à loucura do poder que lhe negou o direito de o contestar em nome de valores mais altos.

Tive a graça de partilhar com Pina Martins o trabalho de uma edição desse texto; tive o privilégio de admirar o seu encantamento pelo texto e pela personalidade do seu autor, senti de perto a vibração da sua alma e pude apreciar as suas qualidades – todas de excelência.

É largo o cortejo dos que se inclinam perante a figura de Pina Martins e nele se revêem como fazendo parte da História das suas vidas: sinto à minha volta o peso das instituições que ele serviu e a quem deu o contributo das suas qualidades; sinto também o afecto de todos aqueles que lhe devem muito do que são e quiseram ser – porque, para todos os que dele se abeiravam, ele tinha não apenas palavras de conforto, mas também gestos de estímulo e de partilha. A todos olhava com o olhar d’Aquele que, subindo à Montanha, teve palavras para anunciar as Bem-aventuranças, sem olhar a outra dignidade que a do Homem – reclamando dele, como o oráculo antigo: “conhece-te a ti mesmo”.

Neste momento, tanto mais solene quanto o vemos passar para a outra margem de que todos nos aproximamos, dou graças a Deus Altíssimo por todas as maravilhas que vimos em José Vitorino de Pina Martins; nessa acção de graças, acolho-me à ternura de Primula, sua esposa, que com ele partilhou uma vida longa, em diálogo e em partilha intensa, mesmo nos últimos anos em que as expressões se tornaram menos chamativas – inclino-me respeitosamente perante ela, em quem nunca surpreendi um lamento e vi a serenidade que encanta; nessa veneração, acolho-me também ao afecto de

Eva Maria, sua filha, a quem garantimos a admiração nossa por seu pai e por ela, com sua mãe.

Ambas nos dão o direito de vivermos em júbilo, contido nas lágrimas, este dia que Deus fez, esperançados que todos nos voltaremos a reencontrar, porque, como garantiu Cristo aos discípulos, “Eu vou adiante, a preparar-vos um lugar”. Com o poeta, bem podemos dizer de Pina Martins: “Na mão de Deus, na sua mão direita, descansou afinal o seu coração”! Demos graças a Deus!

Lisboa, Basílica da Estrela, aos 30 de Abril de 2010.

AIRES A. NASCIMENTO

* Tendo surgido dúvidas quanto ao título e conteúdo da dissertação final de licenciatura de J. V. Pina Martins, pois no *Curriculum Vitae* por ele elaborado figura que se licenciou “em 1949 com uma dissertação sobre *A miséria e a grandeza do homem em «Les Pensées» de Pascal*”, e no registo primitivo da Universidade de Coimbra constava que no acto de conclusão apresentara outra, que tivera como título *A ideia de Deus e da morte na poesia de Antero* (1948), recorremos a sua esposa, Dona Primula Martins, que nos repôs a sucessão dos acontecimentos: o resultado do primeiro acto (1948) não o satisfêz, pelo que realizou uma outra tese, que apresentou no ano seguinte, esta consagrada ao estudo de Pascal, que passou a constar do seu *Curriculum Vitae*.